

Fazendeiro escravizava índios em Goiás

Funai liberta 22 xacriabás, levados de Minas, que trabalhavam em condições desumanas para dono de três fazendas

Vannildo Mendes

• BRASÍLIA. Um grupo de 22 índios xacriabá, de Minas Gerais, vinha sendo submetido a trabalho escravo, há mais de dois meses, em três fazendas do município de Cabeceiras de Goiás, a 100 quilômetros de Brasília. Eles foram libertados no fim da semana passada por uma equipe da Fundação Nacional do Índio (Funai). Todos estavam com fome, descalços e dormiam em colchonetes imprestáveis, no chão de uma ca-

sa fétida, sem condições mínimas de higiene. A procuradora-geral da Funai, Tânia Meneses, estuda a abertura de processo contra o fazendeiro Antônio de Almeida Neto, dono das fazendas.

Índios voltam à cidade onde foram aliciados

Autuado em flagrante, Antônio foi obrigado a pagar todos os direitos trabalhistas que negava, inclusive férias e 13º salário proporcionais. O fazendeiro também foi impedido de

fazer inúmeros descontos nos salários que prometera aos índios. Teve ainda de fretar um ônibus para levar os índios de volta a Itacarambi, em Minas, onde foram aliciados.

A denúncia foi levada à Funai pela subdelegada do Trabalho em Paracatu, Dália Maria Chaves Ulhoa, que constatou o trabalho escravo numa inspeção em 22 de fevereiro. Os índios foram aliciados por um recrutador conhecido como Zé do Firmo. Eles deveriam trabalhar na colheita de feijão

por R\$ 7 a tarefa colhida (o serviço feito em uma área de 50 por 25 metros), além de receber alojamento e as refeições.

Mas os 22 índios não receberam qualquer pagamento nos dois meses em que trabalharam nas fazendas. O capataz alegava que o patrão só pagaria no fim da colheita, depois que fossem descontadas despesas de alimentação e alojamento. Pelas normas do Ministério de Trabalho, este tipo de relação caracteriza o

trabalho escravo. A comida era de má qualidade e alguns índios estavam com problemas de saúde e sintomas de desnutrição.

Região é das mais pobres perto do Distrito Federal

Por determinação da Funai, no fim de semana um advogado, uma antropóloga e um assessor foram a Cabeceiras de Goiás fazer uma blitz com a equipe de fiscalização da DRT de Paracatu, que trabalha em toda a região. Mesmo adverti-

do na visita do dia 22, o fazendeiro manteve a exploração e os índios foram achados no mesmo estado degradante.

Cabeceiras de Goiás é uma das áreas mais pobres do entorno do Distrito Federal. O solo é ruim e algumas áreas são desertificadas. Alvo de migração intensa, o município tem alto índice de violência. O número de crianças fora das escolas é dos maiores do país, assim como o de habitantes portadores de bócio, doença causada pela falta de iodo. ■

Class.	
Data	12/3/2000 Pg 10
Fonte	ISA
SOCIOAMBIENTAL	
Documentação	
INSTITUTO	